

## QUALIDADE DE VIDA E DESIGUALDADE NA RMSP

*Hildemberg Leite Anselmo Jr*  
NPQV-Mackenzie

Historicamente São Paulo sempre desempenhou um papel importante para o Brasil. Foi em São Paulo juntamente ao Estado do Rio de Janeiro que o processo de urbanização começou “dar as caras” no território brasileiro no período em que a indústria cafeeira era o carro chefe da economia nacional. São Paulo também concentrou, por um determinado tempo, as decisões políticas do país no período denominado “café com leite” que consistia na nomeação dos presidentes da república velha pelos Estados de Minas Gerais e São Paulo, sediou eventos importantes como a semana de arte moderna que revolucionou não só o movimento artístico, mas o modo de pensar da elite paulistana da época. Atualmente o Estado de São Paulo é principal Estado do país em termos de importância econômica e financeira, pois detém de longe o maior PIB entre os Estados além de concentrar as principais instituições financeiras do país.

A Região Metropolitana de São Paulo que também é conhecida como a Grande São Paulo, está inserida neste Estado, e soma trinta e nove municípios de características diversas e com uma população estimada em 25.822.572 de habitantes (60% do Estado), extensão territorial 7 947,3 km<sup>2</sup> sendo assim uma das maiores áreas metropolitas do mundo. De acordo como o IBGE, no ano de 2009, a renda per capita gira em torno de R\$ 30.349,52 e o PIB da região correspondia a aproximadamente 65% do PIB total do Estado de acordo, entretanto ocupa apenas sétima posição do IDH das regiões metropolitanas do Brasil, com o valor de 0,828, considerado elevado na classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

A despeito da aparente riqueza do Estado de São Paulo e da região metropolitana paulista, no interior dos municípios persiste grande desigualdade de forma que os benefícios deste crescimento não estão usufruídos por todos. Nesta pesquisa há a preocupação em discutir a qualidade de vida de forma multidimensional na região metropolitana de São Paulo, no intuito de abarcar também a desigualdade não apenas entre os municípios, mas também entre seus habitantes. Para tanto, optou-se por uma perspectiva multidimensional para a qualidade de vida, proposta por Amartya Sen (1997; 2000) que defende a utilização de múltiplas dimensões para uma compreensão maior das condições de vida em uma comunidade.

Não se pode menosprezar o impacto que a renda tem sobre o bem-estar da população como um todo, mas há que se incluir outras na avaliação do bem-estar, tais como a educação, a saúde, a segurança, a liberdade política e a questão ambiental. Na perspectiva de Sen, uma abordagem restrita à dimensão da renda, deixando as demais fora do modelo, não explicaria o bem-estar daquela sociedade em sua totalidade. Através desta pesquisa há apresentação de uma medida sintética de bem-estar, *proxy* para qualidade de vida, sensível a presença de desigualdade que permite reconhecer o nível relativo de qualidade de vida entre municípios, em diferentes dimensões e em diferentes graus de aversão à desigualdade, consonantes com os atuais esforços do PNUD para expressão numérica do desenvolvimento humano.

As análises convencionais da teoria econômica para a qualidade de vida acabam se importando mais em quantificar o quanto cada pessoa detém ou possui (em termos de renda) como é o caso da renda per capita, enquanto as políticas públicas resultantes dessa preocupação estão mais atentas com o aumento dessa dimensão sendo que não existe uma preocupação maior com a sua distribuição (SEN, 2000).

Diante do exposto, esta pesquisa define como pergunta problema a seguinte questão: Qual foi a evolução da qualidade de vida, medida por indicadores sintéticos de bem-estar, na região metropolitana de São Paulo? A hipótese, não rejeitada, é a de que na região metropolitana de São Paulo, entre 2000 e 2010, verificam-se melhorias em algumas dimensões que afetam a qualidade de vida de seus habitantes, mas que não foram suficientes para melhorar o posicionamento relativo das diversas subáreas em relação às demais áreas já melhores ranqueadas através dos dados do censo de

2000 da mesma região metropolitana. A resposta à pergunta perpassa o objetivo geral de descrever a evolução da qualidade de vida na região metropolitana de São Paulo através de indicadores sintéticos de bem-estar, sensibilizados pela presença de desigualdade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Neste trabalho existe uma preocupação com a qualidade de vida abarcando vários aspectos para a medição do bem-estar, uma abordagem defendida por Sen (1993) sobre capacitações. De um modo simples, o exercício avaliativo, requerido pela Abordagem da Capacitação, consiste na identificação e ponderação daquelas coisas de valor que as pessoas são capazes de ser e de fazer.

Enquanto algumas teorias defendem a mensuração da renda como forma de medir o bem-estar, Sen (1993; 1997; 2000) argumenta que para se avaliar a qualidade de vida, seja necessário levar em consideração os diversos fatores que afetam o que o ser humano é capaz de fazer, garantindo-se o acesso e a liberdade para escolher o que deseja como ir ao hospital cuidar de sua saúde, acesso a uma boa escola, ter um bom emprego, escolher em quem votar entre outros desejos para se satisfazer e maximizar seu bem-estar. No caso de uma pessoa não conseguir realizar estas atividades ou desejos citados acima, fica caracterizado o conceito criado por Sen de privação da liberdade e esta privação implica diretamente na diminuição da qualidade de vida daquela pessoa.

A abordagem do desenvolvimento humano envolve uma definição onde este é o processo de ampliação das escolhas (neste caso, a não privação dessas escolhas) pelo ser humano para que o mesmo tenha a capacidade e a oportunidade de ser aquilo que desejar. Como explicitado anteriormente, a renda é importante sim, mas como um meio para se chegar ao desenvolvimento humano ou uma das variáveis necessárias para avaliação do bem estar e não usa-la de forma que seja a única fonte do desenvolvimento humano e, também, nem como única variável relevante para a determinação do bem-estar.

Os indicadores são medidas simplificadoras da realidade, e, por este motivo, sujeitos a perda de informações relevantes. São importantes para diagnosticar problemas, elaborar propostas para a melhoria de determinados aspectos e verificação de um possível sucesso ou fracasso na implantação de algum tipo de política pública. Os indicadores desempenham papel decisivo no planejamento em um mundo onde as informações são dinâmicas e rapidamente modificadas, permitindo uma leitura rápida da situação para qual o indicador foi proposto. O mais divulgado<sup>1</sup> indicador de bem-estar é o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que contém três dimensões: Renda (renda per capita), educação (taxa de alfabetização) e saúde (expectativa de vida ao nascer) (PNUD, 2003). Entretanto esse indicador, na presença de desigualdade, em um determinado nível de IDH pode esconder grandes variações de realizações em toda a população, com níveis muito elevados de escolaridade, renda e saúde para os valores de alguns e baixa dos mesmos indicadores para os outros (FOSTER et.al., 2003).

Outra proposta de mensuração de bem-estar é MIQL-M – *Multidimensional Index of Quality of Life for Municipalities* (KUWAHARA; PIZA, 2010). É este índice, calculado inicialmente para 2000, que é replicado para o ano de 2010 e que é utilizado na análise e comparação entre os municípios da Região Metropolitana de São Paulo, pois além de captar mais informações/variáveis que o que o IDH-M por possuir seis dimensões, a saber, (1) Saúde; (2) Educação, (3) Renda; (4) Habitação; (5) Infraestrutura e Meio Ambiente; e (6) Acesso a informação ele ainda nos permitirá verificar como se comporta o posicionamento relativo do município a diferentes graus de aversão a desigualdade. Nesta sugestão, a utilização de diversos indicadores obtidos da pesquisa amostral do Censo de 2010 (Microdados do Censo) permitiu estabelecer subíndices sensibilizados pela presença de

<sup>1</sup> No momento de finalização desta comunicação, o PNUD divulgou seu Relatório de Desenvolvimento Humano 2013. Entre os resultados mais significativos está a manutenção da posição relativa do Brasil no ranking do IDH, apesar da melhora nos indicadores de crescimento econômico. Se considerada a desigualdade social, o IDH ajustado, o Brasil perde o status de país de alto desenvolvimento humano. Vale salientar que os dados que geraram este IDH divulgado em 14/3/2013 não consideraram as informações censitárias utilizadas pelo MIQL-M aqui calculado que é, portanto, mais atual.

desigualdades para cada uma das dimensões. Assim, não apenas ampliaram-se as dimensões medidas da qualidade de vida, mas também se inclui a desigualdade como um fator limitante do bem-estar. Vale lembrar que algumas dessas dimensões levadas em conta na realização do MIQL-M, por exemplo, saúde e educação são consideradas elementos de privação e, portanto, observa-se a importância tentar verificar como está a situação dessas dimensões quando for analisar e avaliar qualidade de vida para a RMSP.

## PROCEDIMENTOS

Os procedimentos necessários para gerar o índice sintético atualizado e comparável ao similar calculado por Kuwahara e Piza (2010) envolvem as seguintes etapas: Extrair dados dos microdados do Censo, gerando informações iniciais para subdistritos/área de ponderação. Posteriormente estes dados, de cada dimensão, são aglutinados por município em termos médio. Depois dessa etapa, obtém-se a média ( $\bar{x}$ ) desta dimensão que será penalizada pela presença de desigualdade na distribuição de seus elementos, gerando um subíndice sintético ( $I_X$ ) para a dimensão  $x$ , de forma que  $I_X = (\bar{x} - \text{indicador de desigualdade})$ . No caso das dimensões renda e educação faz-se uma linearização da amostra para só depois encontrar a média e, posteriormente, penalizar pela desigualdade. Por fim gera-se o indicador sintético de bem-estar pela média geométrica dos subíndices. A formalização do índice é expressa pela seguinte equação:

$MIQL\_M = \sqrt[6]{(I(y) * I(e) * I(s) * I(h) * I(ie) * I(a))}$ ; Sendo  $I(y)$  a generalização de Sen para a renda,  $I(e)$  para educação,  $I(s)$  para a saúde,  $I(h)$  para habitação,  $I(ie)$  para infraestrutura e  $I(a)$  para acesso a informação. (KUWAHARA, 2010).

Os subíndices e o próprio índice sintético assim construídos permitem não apenas a análise da evolução da qualidade de vida por eles medidos, mas também a avaliação das diferentes dimensões através da observância dos seus ordenamentos relativos.

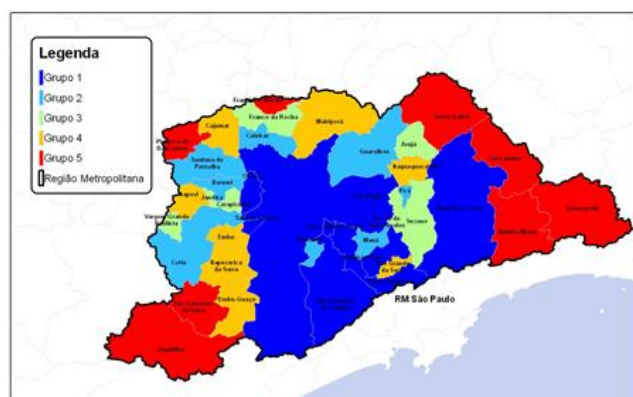
## RESULTADOS

**Tabela 1 - Qualidade de vida na RMSP**

Municípios	MIQL-M 2000	RANKING MIQL-M 2000	IDH-M 2000	RANKING IDH-M 2000	MIQL-M 2010	RANKING MIQL-M 2010
Arujá	0,7052	21	0.7880	22	0,7408	19
Barueri	0,7167	15	0.8260	7	0,7589	8
Biritiba Mirim	0,6791	35	0.7500	36	0,6977	35
Caieiras	0,7175	13	0.8130	9	0,7563	10
Cajamar	0,6918	29	0.7860	23	0,7235	25
Carapicuíba	0,7142	17	0.7930	20	0,7496	16
Cotia	0,7196	10	0.8260	6	0,7420	17
Diadema	0,7163	16	0.7900	21	0,7586	9
Embu	0,7004	24	0.7720	29	0,7391	21
Embu-Guaçu	0,6974	27	0.8110	10	0,7174	28
Ferraz de Vasconcelos	0,7023	23	0.7720	28	0,7379	22
Francisco Morato	0,6742	36	0.7380	39	0,7149	30
Franco da Rocha	0,7052	22	0.7780	26	0,7152	29
Guararema	0,6835	32	0.7980	19	0,7056	32
Guarulhos	0,7187	11	0.7980	18	0,7511	13
Itapecerica da Serra	0,6995	25	0.7830	24	0,7033	34
Itapevi	0,6899	30	0.7590	34	0,7249	24
Itaquaquecetuba	0,689	31	0.7440	38	0,7215	26
Jandira	0,7125	18	0.8010	17	0,7543	12
Juquitiba	0,6474	39	0.7540	35	0,6836	37
Mairiporã	0,6975	26	0.8030	14	0,7181	27
Mauá	0,7168	14	0.7810	25	0,7549	11
Mogi das Cruzes	0,7272	7	0.8010	16	0,7503	14

Municípios	MIQL-M 2000	RANKING MIQL-M 2000	IDH-M 2000	RANKING IDH-M 2000	MIQL-M 2010	RANKING MIQL-M 2010
Osasco	0,7304	6	0.8180	8	0,7630	7
Pirapora do Bom Jesus	0,6805	33	0.7670	31	0,7093	31
Poá	0,7225	9	0.8060	13	0,7631	6
Ribeirão Pires	0,7392	5	0.8070	12	0,7663	4
Rio Grande da Serra	0,6961	28	0.7640	33	0,7322	23
Salesópolis	0,6647	37	0.7480	37	0,6940	36
Santa Isabel	0,6805	34	0.7660	32	0,7037	33
Santana de Parnaíba	0,7181	12	0.8530	2	0,7501	15
Santo André	0,7529	2	0.8350	4	0,7873	2
São Bernardo do Campo	0,7484	4	0.8340	5	0,7764	3
São Caetano do Sul	0,7887	1	0.9190	1	0,8179	1
São Lourenço da Serra	0,6622	38	0.7710	30	0,6767	38
São Paulo	0,7528	3	0.8410	3	0,2929	39
Suzano	0,7067	20	0.7750	27	0,7416	18
Taboão da Serra	0,7263	8	0.8090	11	0,7640	5
Vargem Grande Paulista	0,7095	19	0.8020	15	0,7402	20

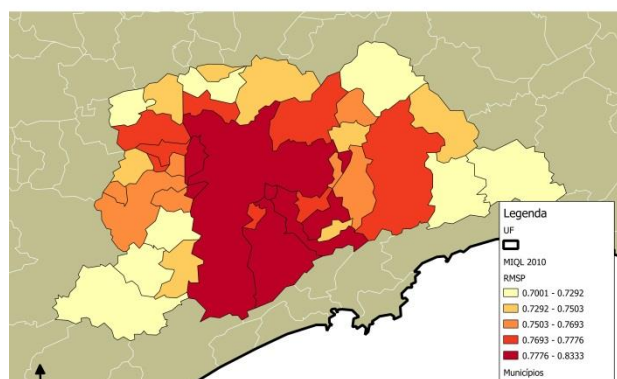
Fontes: Elaboração própria a partir dos microdados do Censo de 2000 e 2010. Para coluna 2 (IDH) Ipeadata.



**Figura 1. MIQL-M da RMSP – 2000**

Fonte: KUWAHARA, 2010, p. 139, com base nos microdados do Censo de 2000.

Nota: Grupo 1, quintil dos melhores posicionamentos. Grupo 2, quintil dos piores



**Figura 2. MIQL-M da RMSP - 2010**

Fonte: Elaboração própria com base nos microdados do Censo de 2010

Nota: Utilizando software livre QuantumGis, derivando daí as diferenças nos padrões de cores. Cores mais claras, piores posicionamentos.

A observação das figuras 1 e 2 permite afirmar que apesar do crescimento econômico, os benefícios do mesmo se concentram nos municípios centrais evidenciando um claro padrão de distribuição espacial da qualidade de vida, onde a periferia do núcleo econômico da região congrega os piores resultados (os municípios em vermelho na figura 1 e amarelos na figura 2.)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOSTER, J.E et. Al. Measuring the Distribution of Human Development: Methodology and an Application to Mexico. *Estudios Sobre Desarrollo Humano* No. 2003-4. Mexico: PNUD, 2003
- IBGE. *Censo Demográfico 2000, Microdados*. Rio de Janeiro: IBGE, CD rom
- IPEADData Base de dados macroeconômicos, financeiros e regionais do Brasil mantida pelo IPEA. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?65370046>
- KUWAHARA, M.Y, PIZA, C. MIQL-M: uma sugestão de índice multidimensional para a qualidade de vida na presença de desigualdades. *Anais.... Encontro Nacional de Economia*. Salvador, 2010.
- KUWAHARA, M.Y. (ORG). *QUALIDADE DE VIDA NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL: Uma proposta de mensuração econômica. Relatório de Pesquisa*, São Paulo: Mackpesquisa, 2010.
- SEN, A.K. Capability and well-being in NUSSBAUM & SEN (eds) *The quality of life*. Oxford: Clarendon Press, 1993, pp. 31-53
- SEN, A.K. *On Economic Inequality*. New York: Clarendon Press, 1997.
- SEN, A.K.. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.